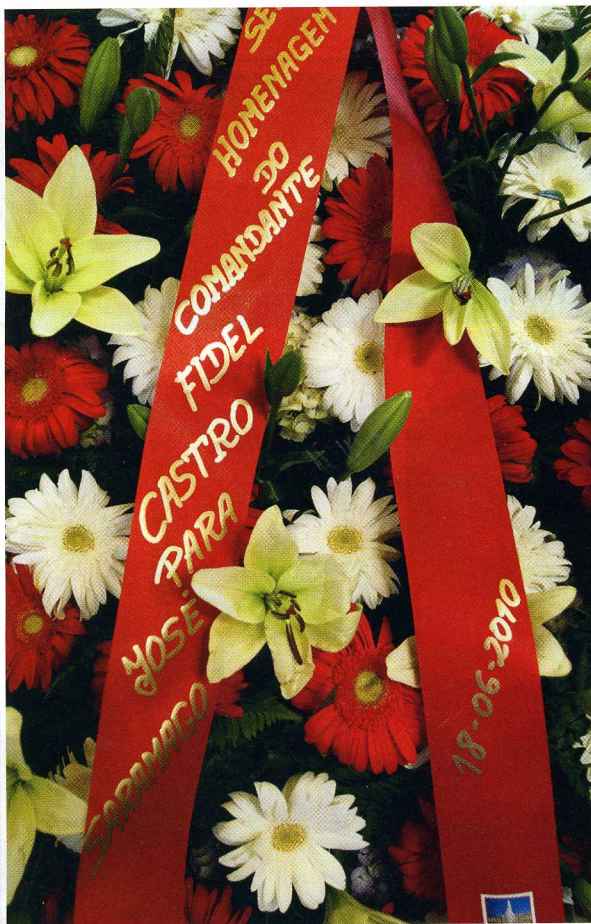


A morte [do nosso] NOBEL

*José Saramago morreu a 18 de Junho. Deixa para a posteridade um legado imenso, architectado com arrojo e sem olhar a **polémicas: iberismo, anticlericalismo e defesa frontal do comunismo** marcaram o seu discurso*



Paulo Corderio

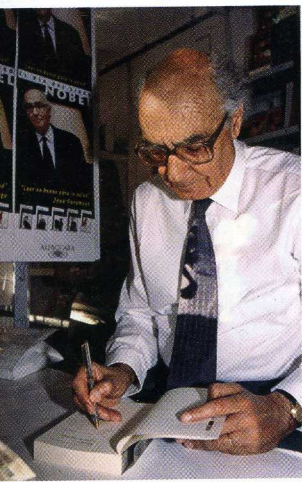
Foi o próprio que o frisou em várias ocasiões: "Eu não era para estar aqui." "Aqui", leia-se, nesta grandeza, nestas honrarias, neste ser ouvido e lido atentamente pelo Mundo. José Saramago nunca esqueceu as suas origens humildes nem as dificuldades por que passou, à semelhança de tantos outros nascidos num País pobre em recursos e farto na emigração. "Nasci numa família de camponeses sem terra, em Azinhaga [Ribatejo]", escreveu no blogue da sua fundação.

À sua frente, deixa uma língua e uma escrita mais ricas, mais trabalhadas, esticadas quase aos limites por um estilo e um imaginário inconfundíveis **ainda hoje a sua pontuação gera paixões, ataques, perplexidades**. "O narrador oraliza a escrita como se estivesse de viva voz numa roda de comparsas, desrespeita ostensivamente as regras sintácticas e a pontuação, espraia-se em longuíssimos períodos sem pontos finais onde barrocammente comenta, intercala e repete situações, falas, personagens", apontam Maria Teresa Loureiro e António Simões do Paço, editores de *Biografia – José Saramago* (escrita por João Marques Lopes), depois de saberem da morte do Nobel, na sexta-feira, 18 de Junho, por volta das 12h30, na sua casa em Lanzarote, no aconchego da família, devido a "múltipla falha orgânica", "após prolongada doença". Tinha 87 anos. As suas cinzas, cremadas no cemitério de São João, devem ficar em Lisboa, de acordo com a Lusa.

Não é naturalmente um acaso ter sido ele o primeiro (e até agora o único) escritor português e em portu-

NEM NO FIM SE ESVAZIARAM AS POLÉMICAS

Na despedida, um mar de gente e a ausência estridente de duas das principais figuras do Estado: Cavaco Silva e Jaime Gama



Primera Visión

DEPOIS DO NOBEL

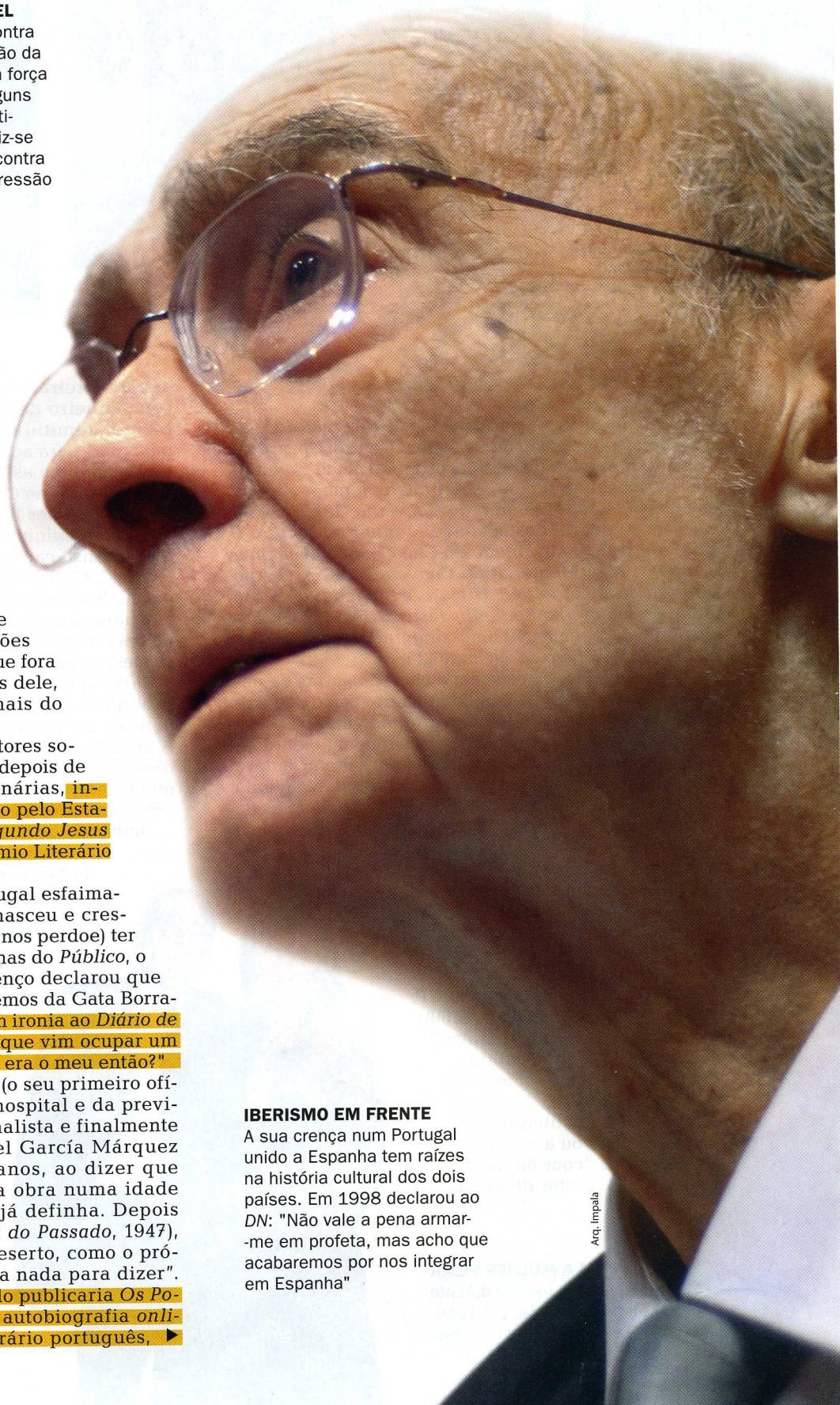
O seu discurso contra Israel e a ocupação da Palestina ganham força e mediatismo. Alguns acusam-no de anti-semitismo. Ele diz-se apenas uma voz contra a injustiça e a opressão

guês a receber o Nobel, apesar de ele mesmo, nas primeiras declarações feitas à imprensa depois de saber que fora agraciado, ter dito que outros, antes dele, o teriam merecido e porventura mais do que ele próprio.

O prémio com que todos os escritores sonham chegou em 1998, cinco anos depois de se ter instalado em Lanzarote, Canárias, indignado com o apagamento, imposto pelo Estado português, de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* da lista de candidatas ao Prémio Literário Europeu.

Olhando as suas raízes e ao Portugal esfaimado, analfabeto, policiado em que nasceu e cresceu, é quase um "milagre" (ele que nos perdoe) ter chegado ali onde chegou. Nas páginas do *Público*, o professor e ensaísta Eduardo Lourenço declarou que ele foi "o que de mais próximos tivemos da Gata Borralheira". Ele próprio se questiona com ironia ao *Diário de Notícias*, em 1999: "Não me digam que vim ocupar um lugar que não era o meu. Que lugar era o meu então?"

Foi também serralheiro mecânico (o seu primeiro ofício), desenhador, funcionário de hospital e da previdência social, tradutor, editor, jornalista e finalmente escritor, por sinal, tardio. Gabriel García Márquez ressalvou-o há um punhado de anos, ao dizer que o português se abalançou na sua obra numa idade em que a maioria dos escritores já definha. Depois do primeiro livro publicado (*Terra do Passado*, 1947), Saramago atravessou um longo deserto, como o próprio esclareceu, "porque não tinha nada para dizer". "Durante 19 anos, até 1966, quando publicaria *Os Poemas Possíveis*", escreveu na sua autobiografia online, "estive ausente do mundo literário português, ►



IBERISMO EM FRENTE

A sua crença num Portugal unido a Espanha tem raízes na história cultural dos dois países. Em 1998 declarou ao DN: "Não vale a pena armarme em profeta, mas acho que acabaremos por nos integrar em Espanha"

Arq. Impala



Jorge Firmino

PARA ONDE?
As cinzas do escritor ficam em Portugal. Onde, não se sabe



Jorge Firmino



Jorge Firmino

► onde devem ter sido pouquíssimas as pessoas que deram pela minha falta".

Só em 1976, após ter sido saneado da direcção do *Diário de Notícias* (acusado de ter saneado outros), passou a viver integralmente dos livros, primeiro como tradutor, depois como autor. Impõe-se definitivamente, no início dos anos 80, com *Memorial do Convento* (1982). Além deste, na sua obra, destacam-se *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977), *Levantado do Chão* (1980), *Viagem a Portugal* (1981), *Memorial do Convento* (1982), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), *A Jangada de Pedra* (1986), *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995), *As Intermittências da Morte* (2005) e *A Viagem do Elefante* (2008).

Noticiado o óbito, começaram a chover palavras de pensar e de elogio, tanto de individualidades como de instituições. José Sócrates falou em "grande vulto da nossa cultura" e Cavaco Silva achou-o "justamente galardoado com o Prémio Nobel", "cuja vasta obra literária deve ser lida e conhecida pelas gerações futuras". Nem uma palavra sobre a polémica dos anos 90. As ausências do Presidente da República e do presidente da Assembleia da República, Jaime Gama, ambos de férias nos Açores, causaram evidente mal-estar e suscitaram críticas e reparos generalizados. Uma cidadã anónima perguntou aos microfones de uma rádio nacional se "isto seria possível noutro país europeu".

Jerónimo de Sousa, líder do PCP, o seu partido (filiado desde 1969), sublinhou a "perda irreparável" sofrida pelo País e pela cultura.

José Luís Peixoto, colega de ofício, considera-o "um dos grandes nomes da literatura de sempre" e lembrou a sua generosidade para "com os jovens escritores". "Escritor de ideias

geniais", retrata Urbano Tavares Rodrigues, amigo e companheiro de sempre. Outro amigo, Vasco Graça Moura, admitiu que não lhe era "possível encontrar palavras" para adjectivar a grandeza da sua obra. Mía Couto lembrou as "portas" que ele abriu aos escritores africanos. Mário Cláudio, colega e amigo fraterno, afirma-o "vivo" nos livros. Francisco José Viegas chama-o "talento prodigioso" e enaltece-lhe as "interrogações" e a "imensa capacidade de provocar perturbação nos leitores". Carlos Reis, antigo director da Biblioteca Nacional, homenageou o "escritor que mudou a literatura portuguesa e a pôs na cena internacional". A consulta da imprensa internacional nos últimos dias reafirma isso mesmo. Saramago morreu mesmo em todo o Planeta.

Carmen Caffarel, directora do Instituto Cervantes, sublinhou como o português amou e conheceu, como poucos, as "duas culturas" ibéricas. No outro lado do Atlântico, o presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), Marcos Vilaça, focou o "escritor muito singular e original, cujo temperamento contribuía para ser uma controvérsia ambulante e um grande intelectual universal da língua portuguesa". Recordou também a sua determinação em ir ao Brasil assumir o cargo de "sócio correspondente da ABL". A doença, primeiro, e a morte depois impediram-no.

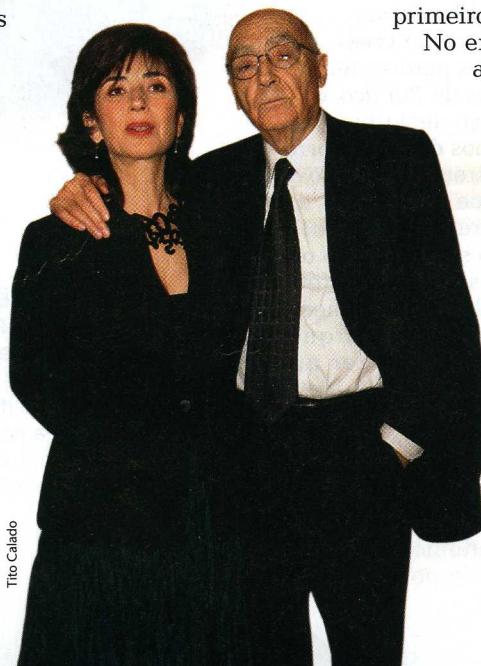
No extremo oposto destes elogios para o artigo publicado no *L'Osservatore Romano*, diário do Vaticano, que qualifica Saramago como "populista e extremista" e alguém que tentou "banalizar o sagrado".

Para diante, fica um legado enorme: uma obra lida por milhões de leitores, avisos ao estado da humanidade, polémicas quase "de faca e alguidar" por ideias e práticas, mas também uma fundação que abre portas na Casa dos Bicos no próximo ano, um romance inédito (*Clarabóia*) e outro ainda no seu começo: *Espingardas, Espingardas, Alabardas, Alabardas*; sobre o tráfico de armas. ■

BRUNO CLARO DAMAS

COM A MULHER PILAR

Um amor que nasceu durante uma entrevista, em 1986, e que floresceu intenso



Tito Calçado

BIOGRAFIA

• 1922

A 16 de Novembro: Nasce José de Sousa, na Azinhaga (Ribatejo), no seio de uma família de camponeses. É registado como José Saramago pelo funcionário do Registo Civil, que oficializa assim a alcunha da família sem que ela o saiba. A ousadia só é conhecida quando o petiz entra para a escola em 1929.

• 1924

Mudança para Lisboa. O pai é admitido na polícia. Em Dezembro morre o irmão Francisco, dois anos mais velho.

• 1932

Entra para o Liceu Gil Vicente.

• 1935

Por razões económicas, abandona o liceu e ingressa no ensino industrial.

• 1936

A mãe, analfabeta, presenteia-o com o seu primeiro livro: *A Toutinegra do Moinho*, de Émile de Richebourg.

• 1938

A família deixa de viver em quartos alugados, para se acomodar num humilde andar na Penha de França.

• 1940

Termina o curso de Serralharia Mecânica na Escola Industrial de Afonso Domingues e começa a trabalhar nas oficinas dos Hospitais Cívicos de Lisboa. As noites passa-as entre livros, na biblioteca municipal do Palácio das Galveias: "E foi aí, sem ajudas nem conselhos", escreveu, "apenas guiado pela curiosidade e pela vontade de aprender, que o meu gosto pela leitura se desenvolveu e apurou".

• 1943

É admitido na Caixa de Abono de Família do Pessoal da Indústria de Cerâmica, de onde é expulso por apoiar o candidato da oposição nas presidenciais, Norton de Matos.

• 1944

Casa-se com Ilda Reis, pintora.

• 1947

Publicação do seu primeiro romance (*Terra do Pecado*). Nascimento de Violante, a sua filha.

• 1948

Morte do avô Jerónimo Melrinho. Na década de 50 começa a escrever e a traduzir assiduamente.

• 1955

Início da colaboração com a editora Estúdios Cor, onde, a partir de 1959, trabalha a tempo inteiro.

• 1966

Estreia-se na publicação de poesia: *Os Poemas Possíveis*.



Martinez de Cripan/Épa

• 1967-1968

Colaboração com a revista *Seara Nova*.

• 1969

Entra para o PCP e viaja até Paris (primeira ida ao estrangeiro).

• 1970

Divorcia-se. Começa a viver com a escritora Isabel da Nóbrega (a relação termina em 1986), que ao jornal *Sol* diz sempre ter recusado casar com ele.

• 1972

Colaboração com o *Diário de Lisboa*. Nasce a primeira neta, Ana.

• 1975

Assume o cargo de director-adjunto do *Diário de Notícias*. Após o 25 de Novembro, é afastado, volta-se para a escrita e retoma as traduções. Nas suas memórias, lamenta a falta de apoio directo da hierarquia do PCP nesse momento crítico.

• 1977

Publicação de *Manual de Pintura e Caligrafia*.

• 1980

Publicação de *Levantado do Chão*, a primeira obra marcadamente "saramaguiana". É um dos assinantes da carta dirigida ao PCP para uma maior democracia interna.

• 1982

Publicação de *Memorial do Convento*, a obra de consagração.

• 1985

Mário Soares fá-lo Comendador da Ordem Militar de Santiago de Espada.

• 1986

Lança *A Jangada de Pedra*, onde perpassa a sua simpatia pela causa ibérica. Enamora-se de Pilar del Río, jornalista espanhola, com quem casa em 1988, um amor para a vida.

• 1991

Lançamento de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, obra amplamente premiada e cuja polémica reacende um ano depois quando é eliminada, pelo Estado português, da candidatura ao

Prémio Literário Europeu. Recebe o título de Cavaleiro da Ordem das Artes e Letras de França.

• 1993

Muda-se para Lanzarote, em choque frontal com o Governo e o Estado.

• 1995

Publicação de *Ensaio Sobre a Cegueira*. É agraciado com o Prémio Camões.

• 1998

Distinguido com o Prémio Nobel da Literatura, o primeiro conferido a um autor de língua portuguesa.

• 1999

Passa alguns dias entre os zapatistas, no México.

• 2003

Crítica pela primeira vez o regime cubano.

• 2005

Adquire casa em Lisboa e lança *As Intermitências da Morte*.

• 2006

Abre ao público a biblioteca da sua casa, em Tías, Lanzarote.

• 2007

Criação da Fundação José Saramago. Em Dezembro é internado de urgência num hospital de Lanzarote, devido a pneumonia. Conta que escapou à morte graças aos médicos e a Pilar.

• 2008

Ensaio sobre a Cegueira abre o Festival de Cinema de Cannes. Em Novembro chega *A Viagem do Elefante*.

• 2009

Violenta polémica em torno do lançamento de *Caim*. O livro é muito mal recebido por católicos e judeus. Crítica ferozmente Silvio Berlusconi e sai da Einaudi, que acusa de censura.

• 2010

Morre na sua casa em Lanzarote. Antes, manifesta o desejo de ser enterrado na sua terra, Portugal.